

*Em derredor daquele lugar, havia terras do chefe da ilha, de nome Públio, o qual, após nos receber, durante três dias nos hospedou amigavelmente. E sucedeu que o pai de Públio estava deitado, acometido de febres e disenteria; Paulo se dirigiu até ele e, orando, impôs-lhe as mãos e o curou. Depois de acontecer isso, os demais enfermos da ilha também vinham e eram curados. Eles nos prestaram muitas honras; e, ao navegarmos, nos proveram das [coisas] necessárias.*

Atos  
28:7 a 10

135

## **Paulo é recebido por Públio Apiano na ilha de Malta**

A esse tempo, o mais alto funcionário de Malta, Públio Apiano, chegara ao local e ordenava as primeiras providências para socorrer os náufragos, sendo eles conduzidos a vastos galpões desabitados, próximo de sua residência, lá recebendo caldos quentes, remédio e roupas. O preposto imperial reservou os melhores cômodos da própria moradia para o comandante do navio e o centurião Júlio, atento ao prestígio dos respectivos cargos, até que pudessem obter novas acomodações na Ilha. O chefe da corte, no entanto, sentindo-se agora extremamente ligado ao Apóstolo dos Gentios, solicitou ao generoso funcionário romano acolhesse o ex-rabino com a deferência a que fazia jus, ao mesmo tempo em que elogiava as suas virtudes heroicas.

Ciente da elevada condição espiritual do convertido de Damasco e ouvindo os fatos maravilhosos, que lhe atribuíam no capítulo das curas, lembrou comovidamente ao centurião:

— Ainda bem! Lembrança preciosa a vossa, mesmo porque, tenho aqui meu pai enfermo e desejaria experimentar as virtudes desse santo varão do povo de Israel!...

Convidado por Júlio, Paulo aquiesceu desassombrado e assim compareceu em casa de Públio. Levado à presença do ancião enfermo, impôs-lhe as mãos calosas e enrugadas, em prece comovedora e ardente. O velhinho que ardia e se consumia em

febre letal, experimentou imediato alívio e rendeu graças aos deuses de sua crença. Tomado de surpresa, Públio Apiano viu-o levantar-se procurando a destra do benfeitor para um ósculo santo. O ex-rabino, no entanto, valeu-se da situação e, ali mesmo, exaltou o Divino Mestre, pregando as Verdades eternas e esclarecendo que todos os bens provinham do seu coração misericordioso e justo, e não de criaturas pobres e frágeis, como ele.

At  
28:7 a 10

O preposto do Império quis conhecer o Evangelho imediatamente. Arrancando das dobras da túnica, em frangalhos, os pergaminhos da Boa-Nova, único patrimônio que lhe ficara nas mãos, depois da tempestade, Paulo de Tarso passou a exibir os pensamentos e ensinamentos de Jesus, quase com orgulho. Públio ordenou que o documento fosse copiado e prometeu interessar-se pela situação do Apóstolo, utilizando suas relações em Roma, a fim de lhe conseguir a liberdade.

A notícia do feito espalhou-se em poucas horas. Não se falava de outra coisa, senão do homem providencial que os deuses haviam mandado à Ilha, para que os doentes fossem curados e o povo recebesse novas revelações.

Com a complacência de Júlio, o ex-rabino e os companheiros obtiveram um velho salão do administrador, onde os serviços evangélicos funcionaram regularmente, durante os meses do inverno rigoroso. Multidões de enfermos foram curados. Velhos misérrimos, na claridade dos tesouros do Cristo alcançaram novas esperanças. Quando voltou a época da navegação, Paulo já havia criado em toda a Ilha uma vasta família cristã, cheia de paz e nobres realizações para o futuro.

Atento aos imperativos da sua comissão, Júlio resolveu partir com os prisioneiros no navio “Castor e Pólux”, que ali hibernara e se destinava à Itália.

No dia do embarque, o Apóstolo teve a consolação de aferir o interesse afetuoso dos novos amigos do Evangelho, recebendo, sensibilizado, manifestações de fraternal carinho. A bandeira augusta do Cristo também ali ficara desfraldada, para sempre.

*(Paulo e Estêvão. FEB Editora. Segunda parte – Cap. 9, p. 445 a 447)*